

São Paulo

As vésperas do discurso do presidente José Sarney à nação, no início de outubro, o deputado Ulysses Guimarães se encontrou com o líder do governo, Carlos Sant'Anna, conversaram sobre a agilização dos trabalhos do Congresso constituinte e, ao final, Ulysses brincou: "Se não for assim, não vai haver vaga para todos nós no Incor" (era a época em que o senador Mário Covas ainda estava internado ali).

A brincadeira de Ulysses vai acabar virando verdade se o Congresso constituinte continuar caminhando no ritmo de uma crise a cada 24 horas. Ontem, começou-se a desarmar mais uma, a do projeto de resolução dos chamados "moderados", que pede a reabertura da temporada de apresentação de emendas, agora no plenário da Constituinte.

Hoje, deve sair um acordo de lideranças pelo qual será permitida a apresentação de emendas, o que atende à essência do projeto de resolução dos "moderados", sem que seja necessário chegar-se a um teste de forças que poderia simplesmente paralisar os trabalhos da Constituinte.

Resta, apenas, aplinar uma discussão técnica: os "moderados" exigem que as emendas possam cobrir um capítulo inteiro do texto constitucional. Capítulo é o segundo item, em importância hierárquica, do texto

constitucional, só perdendo para "títulos".

Já as lideranças peemedebistas e do Congresso constituinte preferem limitar a possibilidade de emendas aos artigos de cada capítulo. Mas é muito possível que se chegue até o limite desejado pelos "moderados", para restabelecer a paz e permitir a continuidade dos trabalhos.

Superada mais essa crise, nada indica que não surgirá outra, amanhã ou depois, até porque os trabalhos estão chegando à fase realmente decisiva, a votação em plenário, e em um clima de extraordinária emocionalidade, derivado da grave crise geral.

Não há, nessa sucessão de crises abortadas, mal algum, até porque elas são próprias da democracia. O que pode haver de ruim é a hipótese de que os que têm horror à divergência utilizem as crises como pretexto para tentar impôr a paz da ditadura, que seria a paz dos cemitérios. É bom que os brasileiros nos acostumemos a viver em democracia.

O passo seguinte seria conseguir transformar as crises em geradoras de avanços, o que ainda não está à vista.

Clóvis Rossi